

O corvo que conspirava

Nascido no Rio em 1914, foi o mais sagaz, competente, implacável inimigo das esquerdas, dos nacionalistas, por extensão: dos interesses do povo brasileiro. Era filho de político com tinturas esquerdistas, Maurício de Lacerda, que o balizou Carlos Frederico em homenagem a Kari Marx e Friedrich Engels, autores do Manifesto Comunista de 1848/49.

Cursou dois anos de direito, entrou para o Partido Comunista e aderiu à Aliança Nacional Libertadora (ANL), criada em março de 1935 sob orientação da Internacional Comunista: "Unir forças para barrar o crescimento dos blocos fascistas, lutar contra o imperialismo e a opressão às liberdades democráticas". Na reunião inaugural, partiu de Lacerda a sugestão, aclamada, de nomear Luís Carlos Prestes presidente de honra. Também foi ele quem leu, da sacada do jornal O Globo, manifesto de Prestes que acusava Getúlio de rumar para uma ditadura fascista em 1937.

Em 1939, de fervoroso comunista, Lacerda passa a raivoso anticomunista. Estreia como jornalista bombasticamente. No Observador Econômico e Financeiro, assina artigo em que revela como funciona a estrutura do PC, clandestino e perseguidíssimo. Ganha o apelido de "Carreirista da Traição".

Aos 35 anos, em 1949, lança o jornal Tribuna da Imprensa, de onde passa a disparar petardos mortíferos contra tudo o que cheirasse a comunismo, trabalhismo, nacionalismo, esquerdismo, getulismo. E já "conspirava" às claras antes mesmo das eleições presidenciais de 1950. Getúlio, num contra-ataque durante entrevista à Folha da Noite, de São Paulo:

"Em nome de um falso idealismo e de uma falsa moralização, dizendo atacar só ambientes corruptos que eles mesmos, de longa data, vêm criando, procurarão atingir a minha pessoa e o meu governo, evitar a libertação nacional. Terei de lutar. Se não me matarem..."

A marchinha mais cantada no carnaval carioca, de João de Barros e José Maria de Abreu, prenuncia a derrota de Lacerda:

Ai, Gegê,
Ai, Gegê, que saudades
Que nós temos de você.

Getúlio, eleito por quase metade do eleitorado, volta "nos braços do povo", saudado em 1951 com outro sucesso carnavalesco, de Haroldo Lobo e Marino Pinto:

Bota o retrato do velho outra vez,
Bota no mesmo lugar,
O sorriso do velhinho
Faz a gente trabalhar.

O retrato não ficaria nas repartições até o fim do mandato. Apoiada em jornais como A Tribuna, O Globo e O Estado de S. Paulo, a "Banda de Música da UDN" no Congresso Nacional, animada por Lacerda, se oporá às medidas nacionalistas, à Petrobrás, à Eletrobrás, ao aumento do salário mínimo, às reformas de base. Como se oporá à posse de Juscelino Kubitschek em 1955 e à posse de João Goulart quando Jânio Quadros renunciar em agosto de 1961.



Em 1951, Lacerda elege novo inimigo: Samuel Wainer, que lança o diário popular Última Hora, favorável à política nacionalista e trabalhista de Getúlio. Lacerda desencadeia furiosa campanha, financiada pelo Escritório Momsen, de advogados da Standard Oil e outras multinacionais, como informa Darcy Ribeiro em Aos Trancos e Barrancos - Como o Brasil Deu no que Deu. Conseguiram CPI (comissão parlamentar de inquérito). Acusavam Samuel de ser "russo disfarçado de brasileiro" e de ter

montado a UH com "empréstimos de favor" do Banco do Brasil. Interessante que O Globo, de Roberto Marinho, e O Jornal, de Chateaubriand, contraíram empréstimos maiores e nas mesmas condições do próprio Banco do Brasil. Samuel se safou e carimbou Lacerda com novo apelido: "Corvo".

Lacerda queria era depor Getúlio. Chamava-o "patriarca do roubo no Brasil". E Getúlio deixou apenas a fazenda de 46 hectares da família e um apartamento em construção. João Alberto, getulista apontado como o mais corrupto, deixou dívidas.

Meados dos 1970. Samuel havia perdido a UH, vendida ao grupo Frias, que a fechou. Fundou então o semanário Aqui São Paulo. Alguns de nós passamos por lá. Certo dia, Samuel desabafou:

"O Lacerda matou meu jornal. Mas também, muito graças a mim, jamais foi nem será presidente da República."

Com a "redemocratização" de 1945, Lacerda se havia filiado à UDN (União Democrática Nacional, partido da direita reacionária); e apoiou o brigadeiro Eduardo Gomes, em eleições presidenciais vencidas pelo general Dutra, do partido governista PSD (Partido Social Democrático, centro-direita). Lacerda apoiaria o brigadeiro em mais duas derrotas: 1950 contra Getúlio, 1955 contra JK.

A ambição de Lacerda era ser, ele, o presidente da República. No livro de memórias Depoimento, o prefaciador Ruy Mesquita escreve que Lacerda confessou temores ao pai de Ruy, quando conspiravam contra Jango em 1963:

"Eu tenho o direito de terminar minha vida política na Presidência da República, Dr. Júlio, e se os militares assumirem o poder desta vez permanecerão nele o tempo suficiente para que isso não seja possível."



Lacerda era governador da Guanabara. Conspirava contra Jango, como havia conspirado contra Jânio, cuja política externa "independente" eriçou os pêlos da direita. E tinha sido ele, Lacerda, o estopim para a queda de Jânio. Na noite de 24 de agosto de 1961, foi para a televisão denunciar "conspiração" para Jânio assumir poderes "excepcionais". No dia seguinte, Jânio renunciou. Golpe engatilhado de novo. Altas patentes das três Armas prenderam Teixeira Lott, marechal legalista, e muitos outros oficiais; estabeleceu-se censura à imprensa; o rádio divulgava comunicados alarmistas, criando clima para obrigar o Congresso a impedir a posse do vice de Jânio: Jango. Em sua História Militar do Brasil, Nelson Wemeck Sodré descreve:

"Para gerar tal clima no Estado da Guanabara, o seu governador partilhou dos atos de vandalismo que se praticaram, colocando o seu aparelho policial, comandado por oficiais golpistas, inteiramente a serviço da junta militar. Não houve violência que ficasse esquecida, nem desrespeito à lei que fosse posto de lado: a mostra foi completa."

Lacerda deixou obras ciciópicas no extinto Estado da Guanabara, financiadas a dólar. Preparavam um presidente confiável a Washington. Sua herança no campo "social" foi retirar favelados da região central e alojá-los em "pombais" no subúrbio - a Cidade de Deus. E sua polícia apreendeu mendigos e os afogou no rio da Guarda.

Chega o famoso comício das reformas no Rio, sexta-feira 13, março de 1964. Valha-nos o trabalho apresentado por Milton Parron em março de 1999, pela Rádio USP (Universidade de São Paulo). Jango se compromete:

...há de ser também rigorosa, implacável a fiscalização, para que seja cumprido o decreto do aluguel".

Falava de uma das medidas, a "reforma urbana". A direita respondeu o que achava de Jango pela boca de seu líder-mor Lacerda:

"Para dominar o povo, cuja esmagadora maioria repele o comunismo e sua influência no governo, o presidente da República e seus mentores precisam desmoralizar todas as resistências, dividir todas as forças nacionais, destruir todas as instituições democráticas do país. Servindo-se do rebotinho da nação,

dos derrotistas, dos oportunistas e dos simplesmente traidores, os comunistas estão tomando conta do Brasil."

Duas semanas depois, milhares de cariocas fazem passeata gritando: "Um, dois, três, quatro, cinco, seis, Lacerda no Alvorada e Brizola no xadrez". Ainda havia rádio que tocava a música de Jucá Chaves:

Quem deve falar, fala pouco,
Lacerda já fala demais.
Enquanto o feijão dá sumiço
E o dólar se perde de vista,
O Globo diz que tudo isso
É culpa de comunista.

Dona Maria Teresa,
Diga a seu Jango Goulart,
Lugar de feijão é na mesa,
Lacerda é noutra lugar.

Na antevéspera do golpe, Lacerda, governador, convoca cadeia de rádio e televisão. O discurso exaltado sepulta o governo do sucessor de Getúlio:

"O Brasil está sendo entregue ao domínio comunista. Quem o entrega é o presidente da República. (...) Entre a Constituição e a traição, ele optou pela traição. Na Guanabara, estamos prontos a resistir a bala a qualquer tentativa de nos esmagar para sufocar no seu ódio a paz e a liberdade do Brasil. E preciso que haja quem se disponha a arriscar a vida para salvar a de um povo inteiro ameaçado. (...) Chega de traição! Chega de ameaças! Chega de demagogia! Chega de desonra e desonestidade! Esta situação não pode continuar!"



1964: Lacerda com Castelo Branco e Geisel. Ele apoiou o golpe e depois foi cassado

Em 31 de março, tropas mineiras marcham sobre a Guanabara e detonam o golpe. Pelo rádio, Lacerda desafia o almirante Aragão, comandante do Corpo de Fuzileiros Navais, leal ao presidente:

"Almirante Aragão! Assassino monstruoso, incestuoso miserável! Não te aproximes porque eu te mato com meu revólver!"

Primeiro de abril. O golpe frustrado dez anos antes à custa do sangue de Getúlio nos pega subeditor de política da Folha de S. Paulo. Agora, como a mãe previu, comunistas vão presos, inclusive meu pai. O personagem deletério, dessa vez, derrubou Jango. Ele mesmo, a quem Getúlio havia confiado sua carta-testamento, na madrugada do

suicídio, profético sempre:

"Guarda contigo para ler em casa. Vai hoje mesmo para o Rio Grande. Depois de mim, eles vão cair sobre ti."

Lacerda vinha conspirando com os Mesquita, de O Estado de S. Paulo; com outros três governadores, o paulista Ademar de Barros, o mineiro Magalhães Pinto e o gaúcho o lido Menegheti; e, claro, com militares de direita. Nas citadas memórias, Ruy Mesquita escreve que Lacerda se encontrou semanas antes com oficiais do II Exército, "com os quais vínhamos conspirando havia quase dois anos".

Inverno de 1974. Vinte anos do suicídio, dez do golpe militar. Estamos na casa de Ruy Mesquita, então diretor do Jornal da Tarde. Ali fomos com o diretor de teatro José Celso Martinez Corrêa, a fotógrafa e futura psiquiatra Sandra Adams e um produtor, de nome Caetano. Gentilmente, Ruy e sua mulher nos recebem. Café quente. Noite gelada.

Pedíamos intercessão pelo amigo jornalista Hamilton Almeida Filho, preso por "drogas". Que o jornal da Tarde o socorresse. Havia sido funcionário exemplar. A manchete do Notícias Populares, do grupo Folhas, havia estampado: Artistas

presos no embalo da boleta."

Ocorreu que Hamilton realizava um trabalho no Teatro Oficina, de Zé Celso, quando policiais o invadiram. Tinham flagrado vendendo LSD um rapaz, que declarou que comprou os ácidos de alguém ligado ao Oficina. Hamilton foi parar na Casa de Detenção. Ruy prometeu interceder. Desconheço se o fez. Após três meses, como era praxe, libertaram Hamilton.

Conversávamos sobre outros assuntos, perto de nos despedir, quando entra na sala e se posta ao fundo, a 10 metros de distância, ele. Copo de uísque na mão. Estava com dois latagões, cabelos à escovinha. Sessentão, Lacerda passou a ser visto acompanhado de garotões, o que gerou comentários maliciosos. De repente, abespinhou-se:

"Ô, Ruy, fica dando atenção a essa gentalha aí! Vamos jantar."

Ruy sorriu e apaziguou. A provocação continuou:

"Conheço essa corja, Ruy. Tudo comunista.

Olha esse aí."

Apontava para cada um de nós e dizia alguma zombaria. Os latagões riam. A dona da casa os retirou para outra sala. Caímos fora.

Esquerdistas e nacionalistas estão para ter adversário tão ferrenho e perigoso. Não seria exagero de retórica dizer que foi Lacerda quem matou Getúlio. Getúlio apenas apertou o gatilho. Esgrimista do verbo, presença de espírito atilada. Quando deputado, conta-se que um colega, exasperado com seus apartes, diz-lhe:

"Vossa excelência é um purgante."

"E vossa excelência é o resultado", responde de bate-pronto.

Tinha nos olhos sampaku, branco do olho pronunciado abaixo da pupila, sinal de gente que não se liga no perigo que corre. Tentou matar-se aos 20 anos, cortando o pulso, em depressão pelas perseguições policiais contra os comunistas. Colegas o encontraram desmaiado, a tempo. Segundo o jornalista Gondin da Fonseca, teria complexo de Édipo e ódio ao pai, explicação para aquela espécie de permanente paranóia, para atitudes como entrar no PC e depois "trair".

Mas nada de maniqueísmo odiento como o dele. Justiça alguma seja feita. Reconheceu que errou ao apoiar 1964. E, surpreendente, procurou inimigos do passado, Juscelino, o próprio Jango e até os comunistas, para formar a Frente Ampla, pela volta à democracia. Conforme o temor que havia confessado a Júlio Mesquita, acabou picado de morte política pela víbora que ajudou a gerar em 1964: em 1968, com o ato institucional n° 5, foi preso e cassado dos direitos políticos por dez anos. Exilou-se. Os Mesquita o ajudaram, mantendo-o como correspondente de seus jornais.

Menos de três anos depois daquele encontro na casa de Ruy Mesquita, na tarde de 20 de maio de 1977, foi internado "com gripe". De madrugada, sofreu infarto fulminante, aos 63 anos. Dessa maneira prosaica, completamente oposta à de Getúlio, igualmente saiu da vida para entrar na história.